

VISIBILIDADE E LINGUAGEM: Uma abordagem semiótica na poética de Valdelice Pinheiro

Mestranda Mércia Socorro Ribeiro Cruz¹ (UESC)
Orientadora Dra. Maria de Lourdes Netto Simões² (UESC)

Resumo

Este artigo trata de diversas linguagens na obra de Valdelice Soares Pinheiro, poetisa Sul-baiana, cuja criação poética estabelece um diálogo com outras manifestações artísticas, tais como a imagem e o desenho. Tendo a semiótica como uma ciência que investiga todo e qualquer processo de significação, buscou-se entender as alianças da imagem com a palavra na composição de poemas escritos por Valdelice Pinheiro. O estudo toma por base conceitos de Lévy (1997), Heidegger (2003), Paz (1996), Calvino (1991). A primeira parte trata do entrecruzamento de linguagens (signos culturais), na composição da arte, da literatura e da filosofia. A seguir, temos uma abordagem reflexiva a partir da imagem, expressão de criação e arte da poetisa. Por fim, algumas considerações são traçadas, aliando a linguagem, a imagem e a palavra na composição da mensagem comunicadora.

Palavras-chave: Poesia, imagem, linguagem, desenho.

*Penetra surdamente no reino das palavras,
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.*

Carlos Drummond de Andrade

*Cada palavra foi permeada,
como cada imagem foi transformada,
pela intensidade da imaginação
de um ato criativo instigante.
John Livingstonee Lowes.*

Introdução

O presente artigo trata do cruzamento de linguagens na obra de Valdelice Pinheiro, propiciadora de mensagens compostas na forma de poemas, aqui compreendido tanto o poema gráfico (palavra escrita) quanto o visual (desenho), composto por signos oriundos de diversos universos significativos. Tendo a semiótica como uma ciência que investiga toda e qualquer linguagem e todo e qualquer processo de significação, buscou-se entender as alianças da imagem com a palavra na composição de poemas escritos por V.P.¹

Importa ressaltar que nem sempre a escritora teve a intenção de casar seus poemas com os desenhos ou rabiscos, como costumava chamá-los, muito embora no livro **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro** (SIMÕES, 2002), objeto deste estudo, tal parceria entre a escrita e a imagem seja pertinente:

¹ Abreviarei o nome Valdelice Pinheiro com a sigla V.P

Às vezes (os desenhos) são associados aos poemas; outras, são fases de gestação da palavra escrita. Processo de elaboração da idéia, os rabiscos apresentam-se com traços geométricos ou com figuras, no mais das vezes rostos meigos e límpidos, de traços leves e finos. Assim, arte pictórica e arte poética somam-se numa expressão que fala por várias linguagens. Poesia de versos curtos, tituladas ou não; rabiscos tracejados ou definidos, sempre em grafite, fazem o texto leve, visual, rápido, múltiplo (SIMÕES, 2002, p. 33-34).

Ao tratar dos poemas-desenho e da poesia de V.P, Simões (2002) deixa claro que os mesmos expressam a forma da poetisa comunicar, “compondo um processo artístico que ultrapassa a palavra para uma comunicabilidade visual” (Ibid). Assim, a poesia perpassa todas as barreiras do ser para comunicar, pois ela é linguagem e, portanto, admite a construção de um sentido, de um significado.

Para estudar o modo como os significados se organizam no processo comunicacional pertinentes às linguagens referidas neste artigo, foi escolhida a teoria semiótica de *Pierre Lévy* (1997), que não relaciona o virtual ao real, mas ao potencial. O virtual existiu desde sempre, ou pelo menos, desde a aquisição das linguagens. Outras contribuições tais como: *Heidegger* (2003), *Paz* (1996), *Calvino* (1991), *Leite* (1998), *Simões* (2002), serão abordadas neste trabalho.

O presente artigo consta de três tópicos, o primeiro aborda o entrecruzamento de linguagens (signos culturais) na composição da arte, da literatura e da filosofia. A seguir, é realizada uma abordagem reflexiva a partir da imagem, como uma gramática de signos, presente na poesia de V.P e que expressa a sua criação, a sua arte. Por fim, são traçadas algumas considerações sobre sistemas de comunicação do qual se vale a criação literária e filosófica, presente na obra de V.P, aliando a linguagem com a imagem e a palavra na composição da mensagem que traz a intenção de comunicar.

1. As várias linguagens: o texto e a poesia

Partindo do princípio de que a poesia, como qualquer outra forma de manifestação artística, requer certo afastamento da realidade sem, contudo, deixar de ter por base o vivido, condição para que o indivíduo reelabore tal vivência, ao inspirar-se para criar, o artista trabalha a palavra (que constitui para o poeta o mundo real) e, por vezes, a imagem que se faz presente em seu interior ou fora dele.

Para *Leite* (1998, p.38), “em diversos casos, o texto escrito e o visual aparecem juntos e se complementam. Mas existem aqueles em que o divórcio entre os dois é completo. A leitura atenta pode isolá-los, ignorando um e levando em conta apenas o outro”. A criação poética de V.P se expressa por meio de textos e desenhos que evidenciam tal expressão poética realizada pelo diálogo dessas linguagens. Assim, “o caráter de comunicabilidade do texto fica assegurado, através das várias linguagens”, reitera *Simões* (2002, p. 28).

Sabemos que todo poema é uma imaginação poética, portanto, como afirma *Heidegger* (2003, p.14), “o poema tece imagens poéticas mesmo quando parece descrever alguma coisa. Poetizando, o poeta imagina algo que poderia existir realmente. Ao poetizar, o poema representa numa imagem o que imaginou. É a imaginação poética que se exprime na fala do poema”. Tais afirmações nos conduzem a uma reflexão desses imbricamentos entre a palavra e a imagem, o significado e o significante na constituição do signo que comunica.

Desse modo, contempla-se a necessidade vital de uma “valorização da leitura do texto visual, que admite uma apropriação ampla, contínua e sequencial do objeto fotografado ou desenho, levando em conta as características de imagem fixa, passível de ser selecionada...” [grifo meu], (*LEITE*, 1998, p.39). Então, a interpretação do texto escrito (poema) e do texto visual (desenho) irá

permitir ultrapassar os limites da aparência, irá penetrar na significação que está por trás da imagem ou da palavra.

Os poemas de V.P apresentam uma configuração física em poucas estrofes de versos curtos, conforme Simões (2002, p. 23): muitos deles (poemas) estão relacionados aos desenhos (Valdelice prefere chamar de rabiscos), indicando uma intenção temática; outros aparentam um mero fluxo do pensamento. A exemplo do **Quintal Tropical** (Processo Criador de Valdelice Pinheiro), que reúne desenhos, epígrafes e poemas curtos compondo uma moldura de imagens e palavras: os sonhos infantis são tão férteis ... frutificam -, afirma Valdelice, ao mesmo tempo que diz: Se os quintais/fossem feitos/pelas crianças/ não guardariam nunca/a lembrança da cerca. A poetisa expressa, por assim dizer, nas palavras e no desenho, a imagem e a idéia de liberdade.

Nesse sentido, “a fotografia ou o desenho permitem uma penetração de significados por meio da memória espacial e da associação de imagens” (LEITE, 1998, p.43). Seguindo essa linha de pensamento, afirma Simões (2002, p. 33), com referência a poesia de Valdelice, “poesias e desenhos (rabiscos) expressam a sua forma de comunicar. Compondo um processo artístico que ultrapassa a palavra para uma comunicabilidade visual, a sua poesia brota dos rabiscos”.

A relação imagética que a poetisa estabelece com o mundo brota através de sua memória compondo uma paisagem da infância, de vivências e impressões ao longo da vida. O processo de composição é marcado pela transitoriedade, pela efemeridade, por cenas passageiras de um momento: “Amanheço espelho/ na superfície da água/ e no fundo do poço/ encontro a minha imagem” (in: SIMÕES, 2002, p. 69). Nota-se que:

A palavra revela melhor o conhecimento subjacente na memória que, todavia, é construído por imagens fixas. Mecanismos perceptivos e cognitivos ampliam a compreensão das relações entre a imagem e as diferentes formas de memória, que, pelo re-conhecimento e pela re-memoração, constroem a ponte para o texto verbal. Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores (LEITE, 1998, p.44).

Assim, a poetisa deixa transparecer o entrecruzamento de linguagens numa condição dual da palavra poética, “a palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva mais além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades. [...] Nunca a imagem quer dizer isto ou aquilo. Antes sucede o contrário (a imagem), diz isto e aquilo ao mesmo tempo” (PAZ, 1996, p.56). Isso porque o poema é uma obra sempre inacabada; e a literatura, a arte e a filosofia nos levam sempre a uma reflexão a mais, além das palavras e da imagem que apreendemos.

Para Lévy (1998^a), a inteligência sempre foi artificial, equipada de signos, de técnicas, em devir e coletiva. Ainda de acordo com o autor, as línguas, as instituições, os sistemas de signos, de técnicas de comunicação, de representação e de registro informam profundamente as nossas atividades cognitivas, pois é toda uma sociedade que pensa dentro de nós. Defende, portanto, a idéia de que todo pensamento é histórico, datado e situado, tanto quanto ao conteúdo como também em seus métodos e modo de ação (LÉVY, 1993), e tal concepção é extensiva à memória.

Do que se deduz que há uma importante relação da linguagem nos estudos da memória, pois qualquer que seja a memória, escrita interna ou externa, é sempre representada por algum tipo de linguagem.

2. A imagem e uma abordagem reflexiva

A expressão poética de V.P, como já sinalizado, traz uma tendência dialética e a interrelação de linguagens. Faz-se, também, através de desenhos e fotos (SIMÕES, 2002, p.22), privilegiando,

por assim dizer, a comunicabilidade da linguagem, seja através da palavra, seja através do desenho (CALVINO, 1988).

Importa ressaltar que essa expressão poética é rica em **visibilidade, leveza, exatidão, rapidez** (CALVINO, 1998) e **consistência** (SIMÕES, 1999). Nesse contexto, os desenhos de Valdelice, através de uma temática reflexiva, “são recorrentes a questões relacionadas à valorização da natureza, à desigualdade social, à liberdade, à simplicidade do ser, ao amor universal, à necessidade de igualdade entre os homens” (SIMÕES, 2002, p.31). Há, nesse instante, uma fusão da palavra (pensamento) e do desenho que diz da poetisa, aquilo que vai ao seu íntimo, a idéia daquele que escreve e representa a sua arte. Desse modo, “o desaparecimento da imagem do mundo engrandeceu a do poeta; a verdadeira realidade não estava fora, mas dentro, na cabeça ou no coração do poeta” (PAZ, 1996, p.115).

Tal assertiva pode ser conferida nas palavras da própria poetisa ao referir-se ao seu Processo Criador: a VOZ, aquilo que sem dúvida não me antecipa, mas é certamente o que me diz. Nesse sentido, “o processo de surgimento do poema (e aqui, me refiro, também, ao poema desenho), passa pela fase do que chama de “mundo das idéias”, fase essa expressada através de desenhos [...] A palavra é apenas via, instrumento, acidente [...] quando o deslizar do lápis sobre o papel faz o desenho ser poema concreto.” evidencia a poetisa. (in: SIMÕES, 2002, p.33). Para *Heidegger* (2003, p.14), “o que se diz no poema é o que o poeta expressa a partir de si mesmo. [...] A linguagem do poema é uma múltipla enunciação. A linguagem prova indiscutivelmente que é expressão”. Contudo, não devemos perder de vista que o dito é apenas o enunciado de uma enunciação. Segundo *Heidegger* (Ibid), a linguagem fala, todavia, a fala não é expressão, mas não devemos submeter a fala ao fenômeno da expressão e, sim, pensar a fala desde ela mesma. Assim, nomear é evocar palavras. Aproxima o que se evoca.

É interessante que, conforme *Heidegger* (Ibid, p.16), “provocar é evocar uma proximidade. Mas evocar é retirar o que se evoca da distância que o resguarda quando é evocado. Evocar é sempre provocar e invocar, provocar a vigência e invocar a ausência”. É isso que a poetisa faz com os desenhos e a palavra quando lembra a infância, a liberdade dos pássaros, a presença ou a ausência de uma imagem.

Conforme *Paz*:

A poesia coloca o homem fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem – esse perpétuo chegar a ser – é. A poesia é entrar no ser (1996, p. 50).

De modo que, a imagem não explica: convida-nos a recriá-la e, literalmente, a revivê-la. O dizer do poeta se encarna na comunhão poética, somos transmutados pela imagem e nos convertemos, por sua vez, em imagem, conforme Paz (Ibid), essa imagem é o espaço onde os contrários se fundem.

Na perspectiva de *Barthes*:

O objecto é polissêmico, isto é, oferece-se facilmente a várias leituras de sentido (...). Por outras palavras, cada homem tem em si, por assim dizer, vários léxicos, várias reservas de leitura, segundo o número de saberes, de níveis culturais de que dispõe. Todos os graus de saber, de cultura, e de situação, são possíveis perante um objecto ou uma coleção de objectos (1987, p.178).

Portanto, a imagem admite, assim como a palavra, várias leituras e remete à memória evocada pelo objeto. Para Valdelice o artista pode ser definido como “este ser que não precisa se

comprometer com nada porque ele próprio, por si, já é o olho mágico, descobre o presente, que recria o objeto e o fato para o ângulo maior da história” (SIMÕES, 2002, p.30).

3. A comunicabilidade da poesia de Valdelice Pinheiro

Tendo em vista que a comunicação é um aspecto para o qual as imagens são importantes, “qualquer que seja a atitude do texto verbal, a posição dominante da imagem não representa risco, mas sucesso” (BENTZ, 1998, p. 287). Na obra poética de V.P, elementos como rapidez, visibilidade e leveza (CALVINO, 1998), dentre outros, se impõem; os símbolos dessa natureza (visuais) podem comunicar de imediato, afirma *Bentz* (Ibid). Naturalmente, tais símbolos são expressões da cultura em que os significados são estabelecidos.

No diálogo entre a palavra e a imagem é importante ressaltar que:

Qualquer que seja o material usado para exprimir uma idéia ou para formular uma prática discursiva, em quaisquer dos gêneros, acaba-se sempre por atribuir instância de privilégio à fruição referencial da linguagem, no confronto com a função poética. Nesse sentido, poder-seria dizer que a reprodução é o processo de representação que, preferencialmente, articula a produção de significados. É oportuno destacar que, na descrição desses processos, está implicada a estrutura metalingüística que deve ser considerada, já que se fala de reprodução e experimentação em práticas tradutivas (BENTZ, 1998, p.283).

Assim, “a arte de simulação comporta a habilidade executiva do retrato, da estátua e da representação de uma idéia” (Ibid). Simular equivale a **fingir, a reproduzir, imitar ou representar**. Ao traçar seus desenhos, o artista reproduz uma imagem que tem por referência o real, mas não é o real.

O livro **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro** tem a estrutura de um Mosaico autobiográfico, conforme Simões (2002), com poemas e rabiscos; **Retomemos** (ensaio filosófico – texto auto-reflexivo) e, ainda, com as folhas de guarda temáticas de aves e peixes, elementos da natureza muito utilizados nos desenhos da poetisa, assim como os desenhos de ninhos e ovos que, por sua forma circular, remetem a idéia da fecundação, de retorno à origem ou plenitude, concepção filosófica simbolizada nos desenhos.

Na linha de pensamento defendida por Paz (1996, p.50), “a linguagem indica, representa; o poema não explica nem representa: apresenta. Não alude à realidade; pretende – e às vezes o consegue – recriá-la. Portanto, a poesia é um penetrar, um estar ou ser na realidade”. O que confirma V.P ao escrever: “Ninguém me mande deixar nada/ nem me obrigue às construções/ convencionais – não quero fazer/ parte do passado. Por isso escrevo. A/ poesia não fica, a poesia é. Nenhum/ poeta fica no que escreve, porque/ todo poeta é o que escreve”.

Sendo assim, a verdade do poema apóia-se na experiência poética (Ibid), que não difere essencialmente da experiência de identificação com a realidade da realidade, tal como foi descrita pelo pensamento oriental e uma parte do ocidental. Esta experiência, reputada indizível, expressa-se e comunica-se pela imagem -, afirma Paz (1966).

Conclusão

O que permite concluir que as diversas formas de linguagem falam. Cada uma a seu modo, com a sua especificidade, tal fala irá chamar a diferença, criando por assim dizer, uma des-apropriação do mundo e da coisa para a simplicidade de sua intimidade. Desse modo, o homem é aquele ser denominado de coletivo pensante, capaz de pensar de forma dinâmica e dentro dessa perspectiva povoar singularidades atuantes que permanentemente estão se transformando.

Assim, o poeta fala de coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando fala de outros mundos. As imagens também são compostas de fragmentos, recriadas em seu processo criador. A imagem e a palavra sempre têm uma intencionalidade de comunicar.

Em sua obra poética, Valdelice o faz de modo singular. O leitor comunga com a poesia e penetra no poema tendo a possibilidade de produzir a recriação e, esse refazer ou reconstruir poético do leitor, revela o homem coletivo pensante no universo disponibilizado pela comunicação.

5. Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. Semântica do objeto. In: **A aventura semiológica**. Lisboa: Edições 70, 1987.

BENTZ, Ivone. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia Mei Alves de; BRITO, Yvana Carla Fechine de (eds) **Visualidade, Urbanidade, intertextualidade**. São Paulo: Hacker, 1998.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Trad. Ivo Barroso, São Paulo: Schwarcz, 1991.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Trad. Maria Sá Cavalcante Schuback, Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 2003.

LEITE, Miriam L. M; BIANCO, Bela, F. **Desafios da imagem**. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. São Paulo: Campinas: Papirus, 1998.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993.

_____. **A ideografia dinâmica**: rumo a uma imaginação artificial?. São Paulo: Loyola, 1998a.

PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Expressão Poética de Valdelice Pinheiro**. Ilhéus: Editus, 2002.

Autor(es)

¹ **Mércia Socorro Ribeiro CRUZ. Mestranda.**
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
DLA/ICER.
E-mail: mercia_melrc@hotmail.com

² **Maria de Lourdes Netto SIMÕES. Pós doctor – (orientadora).**
Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).
DLA/UESC
E-mail: htsimoes@uol.com.br
icer@uesc.br